



“Colegas” e a liberdade dos deficientes: Análise de Discurso do filme “Colegas”¹

Alan PARISI²

Diego AQUINO³

Luiza ROSSETTO⁴

Rafaela PAZ⁵

Stephanie SCHWARZ⁶

Prof. Rafael do Nascimento GROHMANN⁷

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, SP

Resumo

Neste estudo analisamos discurso e significados presentes no longa-metragem nacional “Colegas” (2013), assim como seu reflexo na crítica cinematográfica de um dos principais ícones no jornalismo do gênero, o crítico de cinema Rubens Ewald Filho. Neste documento será apresentada uma breve revisão sobre o filme, seus significados, a decomposição de suas cenas mais icônicas e a análise da crítica acima mencionada.

Palavras-chave: Cinema; Filme; Crítica; Audiovisual.

Análise do Discurso

Por meio dos estudos de comunicação, discutem-se conceitos aplicados a diferentes tipos de textos, visando a produção de sentido, a construção de articulações. Para

¹ Trabalho apresentado no INTERCOM JR – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduando do Curso de Comunicação Social, FIAM-FMU, email: jesusthis@icloud.com

³ Graduando do Curso de Comunicação Social, FIAM-FMU, email: diego_pedromilo@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Comunicação Social, FIAM-FMU, email: luurossetto@gmail.com

⁵ Graduanda do Curso de Comunicação Social, FIAM-FMU, email: rafaela.pazsilva@yahoo.com.br

⁶ Graduanda do Curso de Comunicação Social, FIAM-FMU, email: teeschwarz@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da FIAM-FMU, email: rafael-ng@uol.com.br



produzir a significação de um discurso é preciso ter o reconhecimento do “outro”, saber o modo como se quer ser comunicado. Entende-se por conceito de comunicação a característica constitutiva do ser humano, cuja inter-relação é necessária à vida em sociedade, onde abandona-se a ideia limitada de que esta é a transmissão de informações. A comunicação vai muito além disso, sendo indispensável para a convivência em sociedade, afinal, comunicar é conviver.

O objeto privilegiado no estudo da área da comunicação é a linguagem verbal, que está ligada desde a nossa origem até a produção de vida em sociedade, o fenômeno social que organiza a expressão do indivíduo. Portanto, o que constrói a formulação de enunciados e discursos é a linguagem verbal quando envolvida com as relações de sentidos.

A Análise do Discurso, como método, é a “desconstrução e reconstrução”: é preciso desconstruir o texto do “outro” para que consiga construir o próprio texto. Nesse contexto, a fala é importante no discurso pois precisa ser recebida com credibilidade para que o ouvinte consiga entender de forma clara a mensagem. A comunicação oral depende dos elementos verbais e não-verbais, que são a voz, as variações da fala, a frequência (tom que usamos para falar: grave, médio ou agudo), a intensidade (é o volume, que pode variar de muito fraco para muito forte), o ritmo (é a velocidade da fala, que está na faixa de 130 a 180 palavras por minuto), a ênfase (obtida com reforço da intensidade, articulação mais precisa e velocidade mais lenta), inflexões (medida da fala, que pode variar de maneira ascendente e descendente), pausas (são importantes para boa compreensão da mensagem), emoção (são percebidas por características da fala) e expressão facial e corporal.

Quem iniciou o processo de análise do discurso, ainda nos anos 60, na França, foi Michel Pêcheux. Ele tomou como influências a linguística (ciência que estuda a linguagem verbal, como ela pode produzir sentido), o marxismo (é a língua real, como fala) e a psicanálise (tenta mostrar o que as pessoas não percebem que fazem, as ações inconscientes). Assim, para a análise, não interessa somente a ortografia, mas sim o discurso, a língua fazendo sentido, a linguagem na forma material, e não abstrata.

Para analisar um discurso, é preciso conhecer e aprofundar-se no conteúdo, analisar a base das palavras em percurso e em movimento, desenvolver as continuidades e



rupturas do texto, estudar os efeitos de sentido entre os locutores. É essencial saber, também, que todo discurso é histórico, pois toda palavra tem uma historicidade, considerando as condições de produção do discurso, a relação do discurso com a “exterioridade”, a visibilidade e silenciamento e os valores presentes na linguagem, compreendendo que esta não é transparente.

A partir disso, como os textos significam? Como que dão impacto as pessoas? O modo como se fala, diz muito sobre a pessoa, e com a ideia de como analisar um discurso é importante saber que o texto, no processo de comunicação, é também um produto. Onde o enunciado é o “básico” da língua, o texto é o todo e o discurso é completo, envolvendo a relação entre enunciado e texto. Portanto, é preciso que ele seja: organizado, situado para além da frase em questão; orientado, sendo direcionado a alguém; interativo, dialogando com as outras pessoas e seus próprios discursos; contextualizado, sendo assumido por um sujeito - alguém que fala; regido por normas, impostas pelos diferentes locais e cenários em que é expresso; considerado no centro de um interdiscurso, devido a relação com os outros discursos, dialogismo.

No entanto, não existe ser humano sem ideologia (conjunto de ideias), que são valores, escolhas, o ponto de vista (realidade), pois ninguém apreende toda a realidade, nós vivemos parte dela. Como dizia Mikhail Bakhtin, “todo signo é ideológico. Sem signo não há ideologia. (...) Pode-se ler à consciência dos homens através do conjunto de signos que a expressa” (“Marxismo e filosofia da linguagem”, 2006, p. 42-45).

Nesse mesmo contexto de ideologia há a Formação Ideológica (FI), que é a visão do mundo de uma determinada classe de pessoas, o que está na mente; e a Formação Discursiva (FD), que é o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada visão de mundo - e é por essa formação discursiva que o homem constrói seus discursos. Portanto, a cada Formação Ideológica corresponde uma Formação Discursiva, e assim, como a Formação Ideológica impõem a pensar, a Formação Discursiva determina o que dizer, já que não há pensamento sem linguagem. Eles são, portanto, distintos, porém inseparáveis.

Discurso é o estudo da língua para “fora” (o mundo) e para “dentro”. Para ter um sentido dos textos, é preciso entender como as palavras significam, por exemplo, a diferença entre amigo e colega. Por que essas palavras tem significados diferentes? Porque um é mais importante que o outro? Para isso, procura-se nos discursos ironias (é mais difícil de ser captada), paródias (é menos sutil que a ironia), homonímia (uma palavra com mais de um



significado), polissemia (vários sentidos de uma palavra), implícitos (é o não dito que faz sentido, ou seja, sentido indireto) e a ambiguidade (o duplo sentido do discurso).

Para Foucault, a noção de autor se constitui a partir de um correlato da obra, “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 1986, p.109). Essa noção de autor é discursiva, isto é, o autor é construído a partir de textos ligados a seu nome (conceito de identidade, o jeito da pessoa). Contudo, a questão é de como identificar a presença do autor, de como encontrar autoria num texto.

É necessário ter em mente o método indiciário, ou seja, os indícios, quais marcas do texto mostram que ele está sendo montado daquele jeito. É necessário também identificar o Ethos, que seria a imagem de si, ou seja, a imagem do autor no discurso. Todavia, temos que mostrar como o “outro” aparece no discurso. A mídia constrói representações e identidades por meio do discurso, em enquadramentos, angulações, imagens.. Por exemplo, no longa-metragem “Colegas” (2013), através da maneira com que são mostradas as reações e sonhos dos personagens, uma marca no discurso deles é imposta. Assim, há também que se considerar a polifonia - as várias vozes no discurso - para marcar diferenças no texto, ou seja, o discurso direto, discurso indireto, as aspas, delegação de vozes, etc.

Dessa forma, é fundamental compreender a Análise do Discurso para entender a linguagem, a interpretação e seus resultados. Ao tomar um discurso como objeto, nossa interpretação é apenas uma dentre infinitas possibilidades de abordagem.

O Filme: “Colegas”

Primeiro longa-metragem ficcional completamente protagonizado por portadores da síndrome de Down, o filme “Colegas” (2012), de Marcelo Galvão, apresenta uma fuga em relação às temáticas base do cinema nacional contemporâneo. A cinematografia atual do cinema brasileiro é caracterizada pela “febre” dos *favela movies* (longas que tem por cenário o tráfico e violência das favelas brasileiras), iniciada com “Cidade de Deus” (2002); e a produção continuada de filmes de cunho religioso (como “Chico Xavier”, 2010) e comédias “globais” (como “Totalmente Inocentes”, 2012).



Ao atingirem o sucesso, tais produções fidelizam o público e, conseqüentemente, tornam o interesse em investimentos na área cinematográfica maior. Essa “alta” mercadológica do cinema nacional permite que os cineastas de nosso país se arrisquem em futuras obras diferenciadas. Os melhores exemplos disso são os recentes “2 Coelhos” (2012), de Afonso Poyart, que carrega em sua narrativa não-linear as referências ao cinema norte-americano e a cultura pop, e o mencionado “Colegas” (2013).

O filme “Colegas” (2013) desenvolve sua trama com base nas aventuras dos personagens Stallone (Ariel Goldenberg), Aninha (Rita Pook) e Márcio (Breno Viola). O trio, grandes amigos que viviam juntos em um instituto para portadores da síndrome de Down, ao lado de vários outros colegas, resolve se unir para realizar o sonho individual de cada um. Inspirados pelos inúmeros filmes que haviam assistido na videoteca local do instituto, roubam o carro do jardineiro (Lima Duarte) para viver suas aventuras.

A imprensa começa a cobrir o caso, e a polícia não gosta nem um pouco dessa “brincadeira”. Para resolver o problema, dois policiais atrapalhados seguem no encalço dos jovens, que estão dispostos a viver momentos inesquecíveis.

Devido à extravagância da escolha, o diretor (produtor e roteirista) incluiu em seu longa inúmeros momentos cômicos, menções à outras obras cinematográficas e cênicas que dialogam com a liberdade, acentuando a percepção da ausência, e necessidade, desta na vida dos deficientes. Outro ponto muito abordado na obra é a inclusão social dos portadores da síndrome de Down na sociedade. Diferenciados e pré-julgados, eles são comumente tratados com preconceito. Assim, unindo esses dois importantes fatores, o longa apropria-se de um discurso politicamente correto em prol dos direitos dos deficientes.

O discurso de “Colegas”: os deficientes e a liberdade

Em uma cena específica, que ocorre quando os personagens estão passando em meio a um campo de girassóis, dentro do carro, um dos personagens se manifesta com vontade de fazer xixi. Eles então param o carro em meio aos girassóis. Tal cena se desenvolve neste espaço – o campo de girassóis – evocando o sentido de felicidade carregado pela flor.



Marcio: “Quero mijar!”

Stalone: “Ô, não é mijar que se fala meu! É xixi.”

Marcio: “Foi.. Xixi é coisa de mulher, coisa de frutinha!”

Aninha: “Eu também quero fazer xixi.”

Stalone: “Ô, meu saco! Tá bem, vamos parar o carro então.”

Marcio: “Vamo, vamo, vamo que eu to apertado Mr. Green!”

Aninha: “Eu também não aguento mais.”

Marcio: “Vai logo, vai logo que eu estou muito apertado Mr. Green!”

Os sujeitos dos discursos são os três personagens, e o vocabulário que utilizam para montar seu discurso evidencia sua intenção em integrar o meio em que vive. O discurso traz “mijar” mostrado como algo que a “sociedade” abomina, então outro discurso se constrói, pontuando a palavra “xixi” como uma alternativa para “entrar na sociedade”, mostrando o objetivo deles - por isso um personagem corrige o outro. Isso pode ser conferido em um palavra trocada, “foi”. O sentido que o personagem tenta expressar é “foda-se”, mas a palavra “foi” mostrar uma “ingenuidade” das pessoas com síndrome de Down, que contam com uma educação mais “formal” devido sua condição imposta pela sociedade. Ao utilizar o “palavrão”, é mostrado que os personagens se libertaram desse estereótipo imposto pela sociedade e do preconceito das pessoas. Então, agem como querem, colocando liberdade contra igualdade, mostrando que o que importa é eles terem liberdade, mais do que a igualdade.

Seguindo o mesmo foco, “Ô, meu saco!” vem da expressão “encher o saco”, que significa incomodar, irritar. O personagem não usa “encher o saco” porque prefere enfatizar que esta irritado, mas vai ceder ao pedido do outro personagem. Já as palavras mulher e frutinha ganham significado pejorativo mostrando que fazer “xixi” é usado pelas mulheres e por homossexuais.

Ainda nesta cena, aproveitando a situação, um dos personagens vai ver a personagem feminina urinar e fala sobre seu desejo de casar com ela, embora saiba que ela tem outro sonho. Após isso, mostra-se a personagem urinando quando vê um passaro preso em uma gaiola em meio os girassóis. Ela liberta esse pássaro e o narrador, com o discurso não-verbal, nos guia ao ato da atriz soltando o pássaro.



Esta cena mostra a carência de liberdade por parte dos personagens, representantes de uma grande parcela da sociedade, e diretamente representados pelo pássaro. A relação do pássaro com a gaiola e sua posterior libertação mostram que os personagens – e, conseqüentemente, os deficientes – são pessoas como todos nós, com as mesmas necessidades, mas falta de , pois a sociedade “engaiola” as pessoas com deficiências. Isso torna-se ainda mais claro com a frase proferida pelo narrador: "Aninha não gostava de ver nenhum animal preso. Ela sabia como era ruim se sentir assim."

Com este discurso pregando a inclusão dos deficientes na sociedade, percebemos o quão limitadas tornam-se as ações daqueles com alguma complicação, motora ou intelectual, impedidos por terceiros de fazer muitas coisas que gostariam, como trabalhar, estudar e viver. Há uma pesquisa de Suad Nader Saad que fala exatamente sobre isso, trata da liberdade das pessoas com síndrome de Down e os preconceitos da sociedade. O título do relato é “Preparando o caminho da inclusão: Dissolvendo mitos e Preconceitos em relação à pessoa com síndrome de Down”. Inclusive, uma das citações do autor é muito importante, e faz o dialogismo com o discurso dos deficientes na sociedade: “A sociedade exige que as pessoas com síndrome de Down tenham um comportamento perfeito, pois diante de qualquer deslize, atribui o comportamento à síndrome, como se isso não pudesse acontecer nas mesmas circunstâncias com outro indivíduo sem a síndrome”. Essa parte do discurso fala exatamente sobre o que a sociedade faz com os personagens do filme: “prende” eles porque julga-os incapazes de fazer algo.

No dicionário a palavra liberdade conta com uma definição que dialoga com o discurso apresentado no filme, ao referir-se a palavra como: “**2** Poder de exercer livremente a sua vontade”. Com isso, evidencia as vontades e sonhos de uma pessoa com síndrome de Down.

Outra palavra de importância e correlacionada à temática trabalhada é igualdade, que tem a definição: “**4** Completa semelhança”. Isso dialoga diretamente com a parte em que eles sentem vontade de fazer xixi, mostrando que todos somos semelhantes, sentimos vontades, desejos, temos sonhos e forças para realizá-los.

Ainda neste contexto, em um poema de Olavo Bilac, “Passáros Cativos”, há uma frase que também dialoga com a cena do pássaro, pois o significado do discurso é semelhante



ao da citação do poema - “QUERO VOAR! VOAR!”. Assim como o passáro que quer voar, Aninha, conforme o narrador fala, tem essa mesma sensação, anseia pela liberdade. Dessa forma, pegamos novamente no dicionário uma definição que dialoga com a cena: “Liberdade; 4 Condição do ser que não vive em cativeiro”. Ela expressa exatamente o que Aninha sente, ao soltar o pássaro.

Esse discurso sobre liberdade e a condição do deficiente perante a sociedade é repetido em toda a película, porém ganha significado ainda maior na cena que antecede a acima citada. Na rodovia pela qual seguem os personagens, estes divertem-se ao som de uma canção de Raul Seixas quando o narrador cita a relação de idolatria do trio pelo cantor. Ao mencionar o refrão “Eu já falei sobre disco voador / E da metamorfose que eu sou / Eu já falei só por falar / Agora eu vou cantar por cantar”, o narrador enfatiza a admiração que Aninha, Marcio e Stallone tem devido Raul ser um cara engraçado, com músicas bonitas, e que representa algo diferente mas admirado pela sociedade. A palavra ídolo possui dialogismo pelo seu significado no dicionário que diz: figura, estátua que representa uma divindade que se adora; pessoa à qual se prodigam louvores excessivos ou que se ama apaixonadamente. Dessa relação dos jovens com o cantor, é cultivada no filme uma base muito forte em sua trilha sonora. Analisando o trecho da música em questão, “Cantar”, percebe-se uma ideologia baseada em metáforas para descrever uma pessoa com síndrome de Down perante a sociedade. Na cabeça de um Down passam várias misturas da realidade com o surreal e o imaginário, se encaixando na parte do "disco voador", algo que a sociedade não aceita e, grande parte, sequer acredita ser real, assim rotulando quem crê nestas coisas como loucos. Já em “metamorfose que eu sou”, percebe-se a ideologia estética do Down perante a sociedade: a síndrome de Down é um distúrbio genético do cromossomo 21 extra, não uma metamorfose no sentido mutação como algo "bizarro", embora assim seja visto, infelizmente, por grande parte da sociedade, posto em reflexão pelas músicas de Raul Seixas.

Segundo o geneticista Juan Llerena, chefe do Departamento de Genética Médica do Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, a cultura geral de um país influencia na aceitação das pessoas que nasceram com uma anomalia genética. "Nossa cultura não está preparada para o diferente e o impacto é muito grande nos adultos normais", afirma ele.



Para auxiliar no reconhecimento do público – aqui, representando “a sociedade” – nos personagens protagonistas, indo em direção contrário ao preconceito, os pequenos detalhes como a idolatria por um popstar e as necessidades básicas são essenciais. Através da necessidade deles em fazer xixi mostra-se que os personagens são como todos nós, ou seja a ideologia da igualdade, enquanto na parte onde o passáro é solto, mostra-se a liberdade, evidenciando a ausência dessa para as pessoas com deficiências. Já na relação com o fanatismo por Raul Seixas, a palavra popstar é empregada por, popularmente, se referir à ídolos, adorados pelas pessoas e reconhecidos pelo trabalho que fazem. No trecho da música de Raul Seixas que embala a cena, a palavra metamorfose se encaixa como uma palavra-chave, relacionando-se com os personagens principais - Aninha, Marcio e Stallone - por possuírem síndrome de Down, mas evocando um senso comum através da admiração coletiva pelo cantor.

Nisto também encaixa-se a presença do carro. Sua visibilidade nesse discurso mostra que não há necessidade de ninguém guiar os jovens protagonistas: eles podem viver sozinhos. Há também o pássaro sendo solto, e com isso o discurso quer mostrar que as pessoas com deficiência estão “presas” e precisam ser “libertadas”. A visibilidade e o silenciamento estão também presentes quando Aninha, Marcio e Stallone, no carro, mostram que são independentes e felizes, não precisando de ninguém para ir aonde eles quiserem. Isto é visível está em suas expressões faciais, marcadas pelos sorrisos e olhos vibrantes.

Entretanto, é possível compreender uma contradição neste momento, uma maneira ágil e visual de equilibrar as capacidades dos personagens com sua condição “real”: o estilo adotado por eles pertence a um universo infantil, com fantasias - uma de super-herói/homem bala, outro de um gênio da lâmpada e uma de princesa. Assim, embora mostre as possibilidades dos deficientes em levarem uma vida “comum”, o ethos apresentado equilibra os cuidados que eles necessitam para “sobreviver”. Vemos primeiro o personagem Márcio, que fala “Quero mijar!”. Ele está construindo, no discurso dele, a imagem de uma pessoa descolada, maneira, massa, legal, bacana, que é homem de verdade, por que posteriormente comunica “Xixi e coisa de mulher, coisa de frutinha!”, construindo a imagem de “cabra macho”. Entretanto, ele se veste como um super-herói e apresenta comportamento brincalhão e descomprometido. Já Stalone constrói uma imagem de cavalheiro, de uma pessoa bem culta, inteligente, que faz parte

da sociedade. Ele fala “Ô, não é mijar que fala, é xixi!”, seguindo o padrão de comportamento e postura que a sociedade acha correto, mas veste-se como um gênio da lâmpada e mantém uma paixão platônica por sua colega. Por sua vez, a outra personagem, Aninha, é uma menina meiga. Ela diz ”Eu também quero fazer xixi.”, construindo uma imagem de dama , educada como Stallone, uma princesa. Sua idealização de se casar, porém, sonho comum de toda “menina”, é carregada de inocência.

Isso é imposto nos personagens através de suas próprias ações e pela presença das influências de terceiros em seus discursos. Algumas das “vozes do outro” é apresentada na parte em que Márcio diz “coisa de frutinha”, parte de um discurso claramente machista, contra os homossexuais, que difere da ingenuidade presente no personagem durante o decorrer da narrativa. Isso também ocorre quando o personagem Stallone conversa “sozinho” - “(...) toma cuidado com aquilo que você deseja que você pode acabar conseguindo” - enquanto vê a personagem feminina fazendo xixi. O discurso alheio pertence a Scott Flanagan, e é usado em muitos projetos/artigos/textos de auto-ajuda – ou incentivo - na internet.

As referências cinematográficas

No início da película, antes mesmo dos créditos iniciais serem executados, o narrador informa que lembra-se de, em um filme, ouvir a frase “O nosso destino é a gente quem faz”. Esta frase é a primeira referência cinematográfica presente em “Colegas”, e pertence, originalmente, ao longa “Príncipe da Pérsia - As Areias do Tempo” (2010).

O filme conta a história de um jovem que busca por seus direitos, algo claramente presente no projeto de Marcelo Galvão, como discutido anteriormente. Assim como a pequena frase, diversas menções ao cinema estão presentes em “Colegas”, sempre unindo a trama nacional ao significado de pontos icônicos da história do cinema. O diretor do filme, em entrevista concedida para a realização deste trabalho, confessou que a inclusão de tantas referências foi premeditada, justamente para posicionar a trama e o significado de cada sequência ao coletivo emocional dos cinéfilos e espectadores do longa, imergindo sua obra na memória afetiva daquelas que a assistem.



Outra clara e importante referência está presente reprodução, no longa de Galvão, da cena icônica de “Jules e Jim - Uma Mulher para Dois” (1962), clássico de François Truffaut. Na cena, os três personagens principais passeiam pela Argentina e então correm por uma ponte ao som de “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas. Como podemos perceber, há diálogo direto entre as obras em questão, pois ambas tramas tem por base um triângulo envolvendo uma mulher e dois melhores amigos. Na versão de “Jules e Jim”, há na história um jogo de amor e amizade, onde o medo de perder a pessoa que se ama é o elemento chave para o desencadear da trama. Isto é reproduzido, embora sem o apelo sexual constante, em “Colegas”. A proposta, novamente, é mostrar que pessoas com síndrome de Down também podem ter uma rotina comum, como qualquer outra pessoa. Por este motivo, o discurso é construído e direcionado aos telespectadores – principalmente aqueles que conhecem e prezam o cinema – e sua necessidade em criar laços com os personagens da trama, a identificação, a empatia com a história contada.

Outro fator, essencial, é a extrema sensibilidade com que foi abordado um tema tão polêmico para a década de 1920, a fim de não julgar e até criar certa empatia a esta história de amor nada convencional, mesmo para os mais conservadores.

Bem exteriorizada, há também uma relação com a trilha sonora da cena, “Metamorfose Ambulante”. O primeiro trecho da música - “Eu prefiro ser / Essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” - passa a ideia de que é melhor estar fora dos padrões impostos pela sociedade a ser manipulado por ela, enquanto outro refrão – “Sobre o que é o amor / Sobre o que eu nem sei quem sou” – evidencia que o amor é algo que não depende de quem ama, amor é amor não importa quem se esta amando. Esta cena foi minuciosamente construída para passar ao público a inovação proposta com a questão da inclusão social, por ser o primeiro filme protagonizado por pessoas com síndrome de Down que, em tese, teriam menor capacidade em exercer atividades que as pessoas “normais”. Isso dialoga diretamente com “Jules e Jim”, inovador para a sua época, de modo que o filme brasileiro tenta passar a mesma impressão, causando impacto com uma nova proposta cinematográfica, quebrando tabus e estereótipos. É abordado que, mesmo com certas limitações, os portadores da síndrome também podem amar e construir laços afetivos, sejam eles de amizade ou amor conjugal, mesmo que este fuja um pouco ao que a sociedade esta acostumada.



Com a mesma conclusão de “Jules e Jim”, o longa mostra ao público, de uma forma extremamente sensível, a necessidade do não julgamento ao novo, ao que foge dos padrões. O fato de esta cena ser exatamente igual ao do filme francês justifica sua fiel reprodução, pois são cenas com mesma ideologia.

Dentre outras referências diretas mas de menor importância – e, ainda assim, correlacionadas à outros pontos do longa e suas intenções -, está a configuração dos créditos iniciais. Projetos de grande sucesso de público e mercado especializado são reverenciados, de modo a mostrar três importantes pontos: o amor pelo cinema, de forma metalinguística; a importância deste na vida dos protagonistas; e a magia que suas histórias são capazes de evocar, devido à influência que tem sobre os personagens. As principais obras mencionadas são “Titanic” (1997), grande romance contemporâneo que narra uma verdadeira história de amor proibido, assim como a vivida por Aninha e Stallone; “Cinderella” (1950), animação que fala sobre uma menina que tenta atingir seus sonhos mais utópicos, da mesma forma que o trio protagonista, e se torna uma princesa, como Aninha; “Os Caçadores da Arca Perdida” (1981), filme protagonizado pelo corajoso e aventureiro Indiana Jones, que busca alcançar seus objetivos, como os protagonistas de “Colegas”; “O Poderoso Chefão” (1972), obra indispensável que mostra o lado emotivo e comprometido de um chefe da máfia com sua família e amigos, no caso, semelhante à relação fiel entre Stallone, Aninha e Márcio; e “Thelma e Louise” (1991), road movie marcante por sua trama acerca de uma viagem que fortalece o laço entre duas amigas, sentimento presente em “Colegas”.

A crítica

Como uma obra cinematográfica exposta em circuito comercial, “Colegas” chama a atenção do público que, por sua vez, busca obter informações sobre a película antes de ir conferi-la nos cinemas. Por esta razão, o longa – assim como quase todos os outros lançados no mundo – foi avaliado por profissionais da área antes do lançamento em circuito comercial do filme, após sessão no Festival de Cinema de Gramado, que ocorreu em agosto de 2012.



O contexto da crítica sobre o filme “Colegas” trata de um tema que influencia muito o emocional das pessoas, a síndrome de Down. No filme, a aventura vivida com a inocência e pureza, com a total ausência, por parte dos protagonistas, da percepção de que o que fazem é errado, gera certo humor, pois pessoas com síndrome de Down vivem num mundo só delas, onde tudo é possível, os sonhos se tornam realidade e qualquer coisa acontece. Já que muita gente pensa que pessoas com esse tipo de deficiência não sabem viver sozinhas em sociedade, o filme mostra que os três amigos conseguem se virar - apesar de se passarem por assaltantes para conseguir o que querem, apenas parte da grande aventura.

Escrita pelo conceituado crítico Rubens Ewald Filho, reconhecido por apresentar o Oscar no Brasil, traduzindo simultaneamente a cerimônia em uma canal de tv à cabo (TNT), a crítica é orientada para as pessoas que se interessam por cinema, ou seja, os cinéfilos. Por exemplo, isto está claro quando ele fala “(...) há muito tempo não se viam tantos sorrisos nos rostos das pessoas, tanto contentamento dos turistas ao observarem a passarela do tradicional tapete vermelho. E o que parecia impossível aconteceu. Os críticos e jornalistas passavam, davam tapinhas nas costas e parabéns”, e quando menciona o Festival de Cinema.

No artigo há dialogismo, ou interdiscursividade, com o filme em si, falando da deficiência mostrada nele – representada em uma parte do elenco – e formação ideológica que revela a compreensão que Rubens Ewald Filho tem dos três personagens principais do filme. Quando começa a falar sobre o longa ele diz: “Parcialmente rodado na cidade do interior de São Paulo por Marcelo Galvão e concluído com muita dificuldade tempos depois, trata de um tema que mexe com o meu coração e o de muita gente – Síndrome de Down”. Já que a formação ideológica impõe o que pensar no discurso, ou seja, na crítica, a visão que o mundo tem sobre os personagens é, querendo ou não, de “cuidado”, pois essas pessoas portadoras da deficiência são pessoas mais frágeis, que requerem certa atenção voltada para elas.

Como o Rubens diz na crítica, “mexe com o coração de muita gente”, entretanto várias pessoas chegam a ter preconceito com esse tipo de deficiência, pois acham que essas pessoas são incapazes de fazer algo sozinhas - o que não é verdade, como mostram tanto a crítica quanto o filme.



Tamanha a admiração do crítico pelo longa, ele o menciona como “a joia da coroa” no texto, querendo dizer que é coisa boa, ou seja, que o filme se destaca, é de boa qualidade. Dessa maneira, a crítica tem um “estilo” totalmente voltado para a análise do meio de comunicação ao qual a obra analisa pertence, neste caso específico, o cinema. Por este motivo, a imagem do cineasta Marcelo Galvão - que foi diretor, produtor, roteirista e editor do filme - foi muito bem colocada na crítica no sentido da produção do filme, pois ele fala que o filme ganhou prêmio de roteiro em Paulínia e Galvão faturou o prêmio de direção.

A crítica de Rubens tem uma finalidade reconhecida: mostrar que as pessoas com deficiência são capazes de produzir um filme, e divertir ao público.

Com tempo indeterminado, pois não tem como saber até quando a crítica vai circular pela internet, fica evidenciada ainda, através do artigo, a força do instrumento de divulgação da informação em massa pela internet, um excelente veículo para abordagem de manifestações de críticos, para argumentar sobre determinados filmes. Por ser uma crítica, é um estilo escrito, de caráter estático, por estar parado em um dado lugar, com uma linguagem formal que dá para entender bem, e não possibilidade e interrupção do enunciador, já que o espectador está lendo, podendo fazer isto quando e quantas vezes quiser.

Por falar sobre o que aparece em vídeo, na crítica de Rubens não há silenciamento direto no discurso. Entretanto, pode-se considerar a ausência de vínculo com a campanha “Vem Sean Penn”, feita por Ariel Goldenberg (Stallone) - que colocou um vídeo no youtube, chamando o próprio Sean Penn para vir assistir ao filme, porque assim conseguiram chamar a atenção do filme e sua proposta - relacionada ao marketing do filme, um silenciamento indireto, pois a ação não é analisada na crítica devido às funções destas.

Conclusão

Como obra cinematográfica “Colegas” prova ser um excelente divisor de águas. Primeiro filme a abordar como tema central as limitações e capacidades dos deficientes, especialmente em relação às imposições por parte da sociedade, ele marca a história do cinema nacional ao fugir do estereotipado tripé violência x morro x sexo, fornecendo um



leque cultural mais amplo – ao fazer referências à outras obras do cinema – e a possibilidade de auto-análise do público perante a evidente existência de preconceito em nossa sociedade.

Entretanto, por se posicionar tão claramente sobre isso, percebe-se que “Colegas” dialoga com o público de forma autoritária, pois apesar de abordar um tema que seria aberto para discussões, não há nenhum indicio que o filme deixe a outra parte falar, ou seja, o filme acaba impondo sua opinião sem abertura para futuras discussões. Ele também não deixa explícita sua abordagem fantasiosa do tema, demonstrando personagens com síndrome de Down vivenciando situações muitas vezes surreais e convivendo de uma maneira diferenciada.

Exemplo disso é que em nenhum momento o filme deixa transparecer que pessoas que possuem síndrome de Down tem certa “dependência”, ao contrário: evidencia somente sua liberdade. Se formos analisar de fato, elas possuem limitações, e por isso precisam de cuidados especiais, não são totalmente autossuficientes, diferentemente do que é passado no longa onde, a todo momento, os três personagens principais conseguem dirigir, viajar, conseguir alimento mesmo sem possuir dinheiro e realizar seus sonhos sem a necessidade de alguém ajudar, algo que foge da realidade.

Referências bibliográficas

SAAD, Suad Nader. Preparando o caminho da inclusão: Dissolvendo mitos e Preconceitos em relação à pessoa com síndrome de Down. Rev. bras. educ. Espec, 2003, p. 57-78.

FLANAGAN, Scott. Disponível em: <<http://www.frasesfeitas.com.br>> Acesso em 02/04/2013.

BILAC, Olavo. “O Pássaro Cativo“, do livro “Poesias Infantis”. Ed. Francisco Alves, 1929.

LLERENA, Juan. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/saude/vidasaudavel/2003/09/02/007.htm>> Acesso em 29/03/2013.

EWALD FILHO, Rubens. Disponível em: <<http://issuu.com/vivasa/docs/136?mode=embed&layout=http://skin.issuu.com/v/color/layout.xml&backgroundColor=dedeca&showFlipBtn=true&pageNumber=71>> Acesso em 10/04/2013.

BAKHTIN, Mikhail. “Marxismo e filosofia da linguagem”. Hucitec, 2006, p. 42-45.